

Dona Francisca: Entre Cabaças, Caminhos De Luta e Sementes de Resistência

Francisca Pereira Vieira

Associação de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (Assimqcb) – Buriti do Tocantins, Tocantins, Brasil.

Mariana Conceição Leal Nóbrega

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, São Paulo, Brasil.
e-mail: alemdalogica@yahoo.com.br

Débora Assumpção e Lima

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, São Paulo, Brasil.
e-mail:deborassumpcaolima@gmail.com

Resumo

Apresentamos a prosa realizada no dia 29 de julho de 2016, debaixo de uma farta sombra, com o chão coberto de folhas e coco do babaçu. Perto da rede que balançava na leveza da brisa, uma machadinha, um toco – instrumentos de trabalho da quebradeira Dona Francisca e seu marido Expedito. A tranquilidade da vida contrasta com a história daqueles que nos recebem, tanto no passado quando no presente: Serra Pelada, GETAT, INCRA, Matopiba. Terra de conflitos, de Guerrilha do Araguaia, de Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, de mulheres quebradeiras de coco do babaçu. As contradições entre os projetos de colonização e projetos e polos agrícolas apresentados pelo Estado brasileiro frente a forma de vida desta quebradeira – um dos diversos adjetivos possíveis para Francisca – nos ensina “que viver é muito perigoso”, como diria Guimarães Rosa, porém fundamental e inexoravelmente necessário para que a própria vida caminhe e se reproduza. A entrevista aconteceu na roça de Dona Francisca, em Buriti do Tocantins, município do Bico do Papagaio que faz divisa com o Pará e está localizado a cerca de 10 quilômetros do Maranhão; realizada por Mariana Leal Conceição Nóbrega e Débora Assumpção e Lima.

Palavras-chave: Trabalho de campo; Matopiba; quebradeiras de coco do babaçu; terra.

Dona Francisca: between the gourd, paths of struggle and seeds of resistance

Abstract

We present the interview held on July 29, 2016, under a broad shadow in which the floor was covered with babassu leaves and nuts. By the hammock that swayed in the lightness of the breeze lay a hatchet and a stump – the working tools of the babassu nut breaker Dona Francisca and her husband Expedito. This apparently peaceful life contrasts with the history – past and present - of those who welcome us: Serra Pelada, GETAT, INCRA, Matopiba. A land of conflicts, of the Guerrilha do Araguaia, of the Rural Workers' Unions, of the social movement of female babassu nut breakers. The contradictions between the colonization projects and the agricultural projects and hubs presented by the Brazilian State towards the livelihood of this peasant babassu nut breaker - one of several possible adjectives for Francisca - teaches us that "living is very dangerous", as Guimarães Rosa would say, but fundamental and inexorable for life itself to elapse and reproduce itself. The interview took place at Dona Francisca's plot, in Buriti do Tocantins, a municipality of Bico do Papagaio, which borders Pará and is located about 10 kilometers from Maranhão and was held by Mariana Leal Conceição Nóbrega and Débora Assumpção e Lima.

Keywords: Fieldwork; Matopiba; babassu coconut breakers; land.

Dona Francisca: Entre Calabazas, Caminos De Lucha y Semillas de Resistencia

Resumen

Presentamos la prosa realizada el día 29 de julio de 2016, bajo una gran sombra, con el suelo cubierto de hojas y coco del babaçu. Cerca de la hamaca que oscilaba en la ligereza de la brisa, un hacha, un tocón - instrumentos de trabajo de la quebradora Doña Francisca y su marido Exedito. La tranquilidad de la vida contrasta con la historia de aquellos que nos reciben, tanto en el pasado cuando en el presente: Serra Pelada, GETAT, INCRA, Matopiba. Tierra de conflictos, de Guerrilla del Araguaia, de Sindicatos de Trabajadores y Trabajadoras Rurales, de mujeres quebradoras de coco del babaçu. Las contradicciones entre los proyectos de colonización y proyectos y polos agrícolas presentados por el Estado brasileño frente a la forma de vida de esta quebradora - uno de los diversos adjetivos posibles para Francisca - nos enseña "que vivir es muy peligroso", como diría Guimarães Rosa, pero fundamental e inexorablemente necesario para que la propia vida camine y se reproduzca. La entrevista se produjo en la milpa de Doña Francisca, en Buriti del Tocantins, municipio del Bico do Papagaio que hace divisa con el Pará y se encuentra a aproximadamente 10 kilómetros de Maranhão; realizada por Mariana Leal Conceição Nóbrega y Débora Assumpção y Lima.

Palabras-clave: Trabajo de campo; Matopiba; quebradoras de babaçu; tierra.

Introdução

A história começa com uma viagem. A mobilidade das comunidades camponesas, fugindo das secas, buscando as bandeiras verdes, formando a força de trabalho para a agricultura moderna datada desde a década de 1920, chegada dos primeiros projetos agrícolas e de colonização no Maranhão e nas décadas seguintes, nos outros estados do Matopiba. Os projetos se intensificam nos anos 1970 com o pacote tecnológico nipo-brasileiro do Prodecer, o "amansamento" dos cerrados, as normas e tecnologias do capital. A modificação e "correção" dos solos do cerrado para as sementes adaptadas de grãos aos climas tropicais, soja e milho principalmente – e outros cultivos mecanizados, como o algodão, a cana-de-açúcar, e o eucalipto, que abastece a indústria de papel e celulose e os fornos transformadores de minérios do Pará e do Maranhão formatam os cerrados brasileiros em um dos celeiros do mundo. A natureza, constituída por povos e comunidades tradicionais, perde espaço para o modelo de exportação de *commodities*. Tal ocupação do interior do país, dos cerrados e florestas do centro-norte, prescindia da necessidade de lotear as terras, partir o bolo das terras devolutas em propriedade privada em prol dos ideais desenvolvimentistas, carregados de signos urbanos, mundializantes e gananciosos, comandados pelas cifras monetárias nas entrelinhas. O dinheiro é o grande mediador da tragicomédia dos cerrados do centro-norte: Adeus Brasil. Ou melhor, *Bye Bye Brazil*. A entrada de capitais nacionais e estrangeiros, os megaprojetos (rodovias, hidrelétricas, barragens, lavras de recursos

minerais), a grilagem de terras, a instalação de grandes fazendas monocultoras, coloca os povos e comunidades tradicionais como pedras no caminho do projeto de nação. Se antes era possível “mover-se” e ocupar a região dos cerrados do centro-norte, como relata Becker (1982) pela falta de presença ou uma presença rarefeita do Estado, hoje com o avanço da fronteira agrícola, a presença do Estado, seja pelas alianças com as elites locais, pelas políticas públicas, pelas parcerias com o capital estrangeiro, ou até mesmo pelos celulares, não deixa muitas saídas nem terras devolutas para a migração dessas populações camponesas e de múltiplas identidades, gerando e alimentando conflitos cada vez mais violentos e aparentes.

A Comissão Pastoral da Terra – CPT através da publicação Cadernos de Conflitos do Campo registra desde a década de 1980 os conflitos e as reações frente à violência e violação dos direitos dos camponeses. A primeira publicação da CPT em 1985 foi denominada de “relatório de conflitos” e exibia como principal objetivo denunciar as graves violações aos direitos humanos dos camponeses brasileiros, apresentando dados (ainda que como indicava o relatório não expressasse a realidade em sua totalidade) em números e nomeações de criminosos e vítimas. No período de 1985 a 1989 verifica-se que o número de conflitos dos estados que compõem a mesorregião do Bico do Papagaio¹ correspondem a uma média de 30% do total de conflitos registrados no país. Chama a atenção ainda o número de assassinatos. Neste mesmo período, do universo de 553 assassinatos no Brasil, 217 ocorreram nesta região, o que representa um percentual de 39% do total de assassinados no campo naquela época.

De lá para cá, ou seja, após mais de três décadas, os conflitos só se multiplicam. As camponesas e camponeses lutam por terra, contra o Estado em sua face repressora e os desmandos das elites locais; contra as pressões derivadas da implantação de projetos de investimentos e de infraestrutura de grandes grupos hegemônicos, sobretudo aqueles associados a cultivos de monoculturas alienígenas, a exemplo da soja e do eucalipto. Gritam pelos excluídos, resistem como guardiãs e guardiões de suas histórias e de suas formas de vida.

Baseado no acrônimo criado com as iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, o Matopiba é constituído de 15 microrregiões distribuídas em 337 municípios e abrange uma área de 23.982.346 hectares, o que corresponde a 33% da extensão territorial do estado maranhense; 08 microrregiões localizadas em 139 municípios, abarcando uma área de 27.772.052 ha, o que corresponde a 38% do estado tocantinense; 04 microrregiões distribuídas em 33 municípios abrangendo uma superfície territorial de 8.204.588 ha, representando 11% do estado piauiense e por fim 04 microrregiões especializadas em 30

¹ A mesorregião do Bico do Papagaio é formada pela área de confluência dos rios Araguaia-Tocantins e é região de fronteira entre os estados do Pará, Maranhão e Tocantins.

municípios, compreendendo 13.214.499 hectares, representando 18% do estado baiano (BRASIL, 2015). Além disso, a região engloba 324.326 mil estabelecimentos agrícolas (BRASIL, 2015).

A região dos cerrados nordestinos abrange o oeste baiano e o sul dos estados do Maranhão e Piauí, mas pode ser estendida, como área de influência, para a parte centro-oriental do Tocantins, onde se verifica uma situação de modernização contemporânea muito semelhante ao que ocorre nos cerrados nordestinos. Os vínculos econômicos, sob o comando do agronegócio, estabelecidos entre os cerrados nordestinos e Tocantins são responsáveis pela configuração de um novo delineamento regional, o qual recebe a denominação de “MAPITO”, referência utilizada para designar os vínculos dos cerrados maranhenses, piauienses e tocantinenses. Poderíamos incluir nesse novo complexo regional os cerrados do oeste da Bahia, sub-região que possui intensa ligação tanto com o Tocantins quanto o Maranhão e o Piauí. Desse modo, a denominação “BAMAPITO” expressa melhor os contornos geográficos da nova região (ALVES, 2009, p. 155).

Independente da ordem das letras, Mapito, Bamapito, Mapitoba, MATOPIBA, o acrônimo traz uma perspectiva de desenvolvimento territorial desigual e combinado no qual as problemáticas são semelhantes ao longo dos quatro estados: concentração de investimentos públicos para latifundiários e cadeia de commodities, concentração de terras, landgrabbing, expulsão de povos e comunidades de suas terras, superexploração do trabalho.

Nas frestas, nas margens, crescem os babaçuais. Nascem campesinos, caboclos, que ao som do tambor de mina, do Terekô cantam e reivindicam suas terras. E sangram, e lutam, e morrem, e persistem. Carregam rosários na cabeça, água nas cabaças e esperanças em seus corpos, algo que para aqueles que olham de longe muitas vezes parece algo ilógico ou arcaico. Impossíveis. Utópicos, existem e resistem. Já o que é importante não é o fim (o fim das comunidades, o fim do mundo, o fim do cerrado?), e sim a caminhada. Neste sentido, apresentamos aqui a entrevista realizada com Dona Francisca, liderança do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que atualmente reside em Buriti, no Tocantins. A entrevista foi realizada de maneira aberta, dentro do âmbito das pesquisas de doutorado “Circuito espacial produtivo de grãos: produção agrícola moderna e acumulação de capital na Amazônia,” financiada pelo CNPq e “Geografias das Resistências: Batalhas Camponesas do Século XXI – Processos de Lutas, Articulação e Mobilização Social do Bico do Papagaio e Cerrado Sul Maranhense”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA, de autoria de Débora Lima e Mariana Conceição respectivamente. Os motivos que guiaram a entrevista com Dona Francisca foram compreender a formação territorial do Bico do Papagaio; a história da luta pela terra dos camponeses da região, em especial do Tocantins, e outras formas de resistência, como formas de plantio e questões alimentares, a organização de sindicatos e o próprio MIQCB. Por fim, uma questão central foi compreender a chegada do Projeto de Desenvolvimento Agrícola Matopiba, os desafios e impactos para os camponeses, partindo da perspectiva de que o PDA Matopiba apresenta uma concepção de desenvolvimento

territorial alicerçada no latifúndio monocultor, na natureza como recurso, diametralmente oposta a concepção camponesa apresentada na entrevista. Vale ressaltar que não há uma “verdade” camponesa, ou um modo único de compreender a natureza, as atividades agrícolas e o território, já que a diversidade é um dos pilares de entendimento do modo camponês.

Dona Francisca, metonímia e metamorfose do Matopiba

Eu sou Francisca, eu sou quebradeira de coco, também sou agricultora, porque quebradeira de coco ela faz tudo, agora porque já estou meia de idade, mas fazia tudo, trabalhava na roça e quebrava coco. Eu sou maranhense, com orgulho de ser maranhense. Morava no município de Tuntum do Maranhão. Eu nasci lá e meu pai, ele foi lavrador até o dia que morreu, que não pôde mais trabalhar na roça. Nós somos 12 irmãos, e ele criou esses 12 tudinho, trabalhando na roça. Eu casei e vim morar aqui no Goiás, que aqui era Goiás. Não era Tocantins ainda, depois que foi tornar-se o estado do Tocantins.

Mas eu conheci meu pai ainda botando as rocinhas dele e fazendo. Hoje que eu vim entender que meu pai fazia agroecologia porque botava a roça, era 5 anos pra voltar ali de novo, pra colocar uma rocinha ali de novo. E meu pai plantava de tudo: plantava arroz, feijão, fava, milho, tudo ele tinha um pouquinho lá na roça dele, algodão, que lá no Maranhão nós sabe que a renda lá naquela época no Maranhão, era algodão, hoje eu não sei mais. Aí meu pai fazia, a renda dele era algodão, porque lá não era muito bom para arroz não, era só para o consumo da casa mesmo. Mas o algodão era o que ele tinha para fazer a despesa da casa, porque naquele tempo os pai de família fazia uma compra por ano. Então, todo final de ano, ele fazia aquela compra de tudo para a casa e pronto. Aí só uma coisa de necessidade mesmo.

Aí assim que a gente foi criado, trabalhando na roça, meu pai sempre lutou tanto, eu custei entender porque meu pai lutava muito pra ele ter uma terra, porque quando eu me entendi era assim, mas aí do tempo que eu já tava grande com 15 anos aí apareceu uma pessoa que era dono lá da terra e meu pai lutou muito pra ele ter o pedacinho de terra dele. Mas não conseguiu, porque naquele tempo a luta era pouca gente. Era mais ou menos em 1963, por aí assim. Eu casei e vim me embora para cá, meu pai ainda ficou lá ainda. Justamente eu vim para cá porque lá onde nós morava tinha macaúba, mas não tinha coco, lá era poucos lugar que tinha babaçu. E aqui o povo falava muito que as mulheres quebravam coco e tinha sua renda delas próprias e eu toda vida gostei de ser independente.

Chegando ali nós fomos morar no lugarzinho de junto ao Sítio Novo. Era mesma coisa do Maranhão botava roça num lugarzinho, 5 anos botava de novo, o coco de babaçu era livre, muito coco e a gente ficou.

Quando passou uns três anos e chegou o povo de novo, dono das terras. Aí eu vim me embora de lá e fui morar num Buriti que tem aqui no município de Itaguatins, junto de São Miguel, nós tamo lá, lá vem o povo de novo, aí eu vim embora para cá pra esse Buriti aqui. Aí aqui a gente começou trabalhando, trabalhando nos lugares ai, ainda muito pouco, não tinha devoração de babaçu. A gente quebrava coco babaçu a vontade; nós fomos trabalhar... a gente chamava centro² ... de um senhor que gostou muito de nós, aí ele: “não bora lá para o meu centro, lá vocês trabalha mais eu, até vocês achar o pedacinho de vocês, e aí fiquemo lá.

Meu marido inventou de ir para Serra Pelada, porque queria porque queria ir para Serra Pelada. Eu sei que ele andou por lá e desenganou – aí disse que não sai mais não, enquanto não arranjasse um pedacinho de terra para ele, ele não ia mais se aquietar e eu morta de medo, porque eu tinha medo mesmo. Aí nos fiquemo e ele lutou por esse pedacinho de terra aqui. Ele foi para o sindicato, ele primeiro foi, eu tinha tendência de lutar por uma coisa que eu já vi meu pai lutando, mas eu tinha medo. Aí ele veio para cá, eu com medo: “rapaz tu não vai, tu não vai ganhar esse pedaço de terra”, e ele: “vou, vou ganhar. De hoje em diante só vou me aquietar quando eu tirar esse pedaço de terra”.

Vieram para cá um grupo de ... aí já vieram mais gente, um grupo de lavrador vieram tudo para cá e aqui eles fizeram o corte dessa terra eles mesmo, não foi INCRA³ não. Naquele tempo era GETAT⁴, tinha INCRA não, aí eles fizeram o corte da terra, eles mesmo. Os cabra todo dia ... a pressão era doida. A sede dessa fazenda ficava aqui perto, uns dois quilômetros, daqui a gente escutava eles atirando para amedrontar o povo, mas assim mesmo a gente ficou, porque tinha que lutar para a sobrevivência mesmo. Aí nós fiquemos aqui, quando eles cortaram com o ano aí o GETAT veio cortar, assim ele veio só fazer os perímetros, mas eles já tinham cortado, limitado, cada um já tinha seu pedaço... eles vieram só regularizar de quem que era cada pedaço. Mas ele [o GETAT] não fez um novo corte de terra? O GETAT respeitou? Respeitou, mas foi com muita luta, com muita luta eles respeitaram o corte dessa terra.

Aí a gente veio para cá, e eu já vim para cá. Aí ele [Seu Expedito, marido de dona Francisca] sem condição nenhuma, muito menino já, disse: “não eu vou voltar, tem um garimpo aqui perto do Cumaru aí no Pará”. Aí foi. Disse que ia para poder comprar um animal para nós carregar esses meninos daqui lá para o Buriti num jumentinho.

Porque nós tinha medo de ficar por aqui, dormir por aqui, porque aqui só foi loteado um pedaço aqui pelo meio. Do outro lado, tudo era fazenda, nós tinha muito medo deles, de

² Inicialmente relacionado à formação de espaços de cultivos no interior das florestas e, posteriormente, à formação de povoados. Velho (2013) em seu livro “Frentes de Expansão e Estrutura Agrária” define centro como “local onde se encontra a roça de um ou mais trabalhadores” (p.113).

³ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

⁴ Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins.

algum fazendeiro. Aí Seu Expedito foi; ganhou um dinheirinho, comprou um jumentinho, arreiou a cangalha, nós ficamos muito alegre pra nós foi uma riqueza muito grande aquele jumento; eeeeeee aí fiquemo aqui. Desse lado aqui era nós, do outro lado era outros vizinhos, que no tempo [...] ai nós ficuemos.

Foto 1: Dona Francisca e Seu Expedito em sua terra de Buriti (TO)



Fonte: Débora Assumpção e Lima, julho de 2016

Eu hoje, fico as vezes sozinha, fico me lembrando como era naquele tempo, que a gente trabalhava na agricultura, assim nós trabalhava era diferente demais, nem meus filhos não conhece essa coisa assim, que você cortava o arroz pelo cacho, com a faquinha era homens e mulheres cortando depois de todo juntinho fazia um monte, depois fazia o quixó. O quixo é assim, você faz um jirau de vara que fica entreçadinho assim, aí você enfia uma 4 fila aqui 4 fila, ai ele é o jirau aqui aí você faz umas paredinhas de palha, ali você bota o arroz, bate o arroz cai em baixo, fica só as palhas, é assim que é o quixó. O meu pai não fazia isso não, já era outra tradição. Ele carregava o arroz todinho nas cargas, do jeito que apanhava lá fazia um paiol por cima na casa dele ... um paiol quer dizer; pau assim nas travessa, o povo fazia aquele paiol, tinha uma escada de nós subir que era para tirar o arroz para pelar, para pisar, que era no pilão.

Quando nós viemos para cá já mudou essa coisa um pouco, só que era no pilão, no pilãozinho, pisando arroz todo dia. Daí foi mudando, já não era mais cortado na faquinha, já

era uma faca que era entrançada aqui nos dedos, ela entrançava aqui, aqui você cortava o arroz. Aí mudou já não era mais assim, já era um quixó, que era uma enxadinha que ela tem uma veínha, ai você mete a mão nela aqui, aqui ainda tinha uma, mas parece que não tem mais ... ai depois mudou ai já era corte pelo pé, aí quando mudou para cortar pelo pé eu saí da roça, não entrei mais. Eu disse que quando meus meninos crescessem eu não ia mais trabalhar na roça, não ia fazer outras coisas. Aí já tava tudo grande meus meninos, eles já corta, unta, empilha se quiser, já vai deixando murchar e já bate. Hoje ele já bate, ali tem uns tambor ... eles bota no tambor e já bate em riba dele, quando não quer fazer os quixó. Aí mudou, mudou foi mudando, a gente plantava feijão fava...

Mas ainda tem roça no toco?

Tem. Aqui para nós não mudemos para roça arada não, até porque é difícil mesmo, para vim um trator aqui para um agricultor ... ó lá menino, precisa ele ter muita paciência. Disse que tem um Pronaf⁵ que tem o trator do povo, mas nunca veio para cá. Aqui é município de Araguatins. Aqui tudo é município de Araguatins. Não é do Buriti, vocês saíram do município de muito pertinho da rua lá, não sei se vocês passaram num lugar aqui, acho que vocês passaram, só pode, onde tem um muro que é vaquejada, pra cá um pouquinho já termina o município de Buriti, ai já entra o município de Araguatins. Araguatins desse lado para cá, eles não cuidam não, perto daqui tem um assentamento, o assentamento fica na beira nossa aqui, mas aqui tem a sede do assentamento, a escola eles mantém e a escola de Araguatins, mas é só isso. Daqui para o Buriti a prefeitura de lá é quem faz a estradinha. Porque assim, nosso comercio é em Buriti, muita gente já vota em Araguatins, muitos é no Buriti, então, ficou uma coisa assim, nós sofremos aqui muitos anos. Trinta anos, trinta anos nós sofremos aqui nessa terra, sem ter estrada, porque [a estrada que] vocês vieram tem dois anos que a prefeitura do Buriti fez essa estrada⁶.

⁵ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

⁶ A propriedade de Dona Francisca fica distante aproximadamente 20 km da estrada de asfalto da TO-201.

Foto 2: Limites da propriedade de Dona Francisca e mata de babaçuais



Fonte: Débora Assumpção e Lima, julho de 2016

Porque antes não tinha nem essa estrada de terra direito ...Tinha nada!!! Tinha não me'irmã! Era varedinha, que nem moto no inverno não passava. Vocês passaram ali numa pontezinha não foi? Depois vocês passaram em duas grotinhas, pois aquilo dali passa é semana, tem uma baixada antes de chegar naquela grotá e ela enche, é 500 metros de água. Aí passa a semana todinha só passa gente de pé, porque passa nadando. Melhorou, fez essa estrada, mas mesmo assim no dia que chove nessas grotinha não dá passagem não. Por aqui é muito perto, da onde vocês entraram para aqui, mas só passa moto agora no verão, não passa carro não. Aí nossa vida é assim. Eu criei meus filhos aqui, meus companheiros vizinhos, muitos deles já morreram, muitos deles foram embora, não aguentaram ficar aqui, por causa de não ter estrada.

Tirava era na rede na hora que adoecia para ir para o Buriti, era uma luta só para ficar aqui dentro da terra, mas como a gente tinha que está aqui dentro, e lutar porque a gente tinha que sobreviver era nela, aí nós ficamos. Os outros teve uns que morreu, os outros foram embora, já velho, mas eu falei "eu vou ficar", porque eu não aguento trabalhar em terra de ninguém não. Não dá mais para mim. Aqui onde moro, não é assentamento, é uma pequena propriedade. Aqui é 8,5 alqueires⁷. Porque que nós tiramos 8,5? Por que por trás aqui era um

⁷ Tomamos como medida o alqueire mineiro, que foi um dos mais difundidos no território brasileiro, principalmente por Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Bahia, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, e tem como

capoeirão, mas era tudo contaminado de capim, aqui acolá achava capim. E o nosso objetivo era mata, para nós trabalhar, não era capim, aí eles onde topou no capim não quiseram mais, aí se nós têm tirado até uns quinze por aí assim, mas eles⁸ não quiseram tirar mais não. Disse que não queriam capim não, a gente odiava capim mesmo. Ai aqui está assim, aqui é pequeno proprietário, mas já tem fazendeiro quase fazendeiro pra esse outro lado ali. Isso aí era uma matinha fria, o ano passado o cabra derrubou foi tudo.

São vários pequenos proprietários, aqui tem um nome desse local aqui?

Aqui eles botaram aí no tempo que o GETAT veio, eu não quis brigar, que não queria fazenda. Eu odiava negócio de fazenda, mas eles botaram *Fazenda Água Limpa*, fia. Que nem água não tem, não sei onde eles acharam essa coisa, agora já tem, eles acharam esse nome para botar aqui. Ai nós vive aqui. Aqui eu quebro meus coco, tiro meu azeite, eu venho passo uma semana, viajo uma semana, chego, venho de novo para cá, meu marido vive aqui mais os meninos.

Como foi que a senhora começou a entrar para esses movimentos em que hoje a senhora atua?

Meu marido entrou no sindicato, e eu ... eu queria tá na luta, mas não queria ir para o sindicato, aí eu brigava com ele todo dia. Quando ele ia, “rapaz o que que tu faz lá? Chega a hora do almoço e tu não chega?”. E ele dizia “vai lá então mulher”.

Esse sindicato que a senhora tá falando é o de Esperantina?

É mesmo da Esperantina, só que o sindicato era Butiti, Araguatins, São Sebastião e Esperantina. A sede era aqui no Buriti. Aí até que eu fui, já tinha a conduta de ser ... de entrar na luta. Eu fui e fiquei na luta, e foi uma luta forte para chegar até aqui, pra vocês chegarem e me achar aqui, foi uma luta muito forte. Porque no tempo antes de nós tirar aqui mataram Josimo, padre Josimo lá em Imperatriz, muitos companheiros morreram foram assinados aí pelos matos, teve companheiro que foi queimado, um bocado...

Isso já foi em que ano?

Isso foi na década de 80 que foi no tempo que queimaram as casas lá nos Canários, porque é outro povoado, teu pai [Manoel da Conceição⁹, pai de Mariana Conceição] sabe ... aqui na Santa Cruz eles queimaram as casas do pessoal que estava lá, os paiol de arroz

equivalente 4,8 hectares (ver tabela de medidas agrárias não decimais disponíveis em http://sistemas.mda.gov.br/arquivos/TABELA_MEDIDA_AGRARIA_NAO_DECIMAL.pdf). Vale lembrar que o lote de Dona Francisca é um pouco mais da metade de um módulo fiscal do Tocantins, 80ha.

⁸ Dona Francisca se refere-se a equipe de agrimensura do GETAT, atual INCRA.

⁹ Liderança camponesa maranhense, fundador do Partido dos Trabalhadores - PT, Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural – CENTRU, articulador de várias organizações sociais do movimento camponês ao longo de sua trajetória. Mané como gosta de ser chamado e conhecido mora em Imperatriz, Maranhão.

cheio, passou mês esses paiol de arroz queimando, pegavam as galinhas iam comer bebendo cachaça.

Eram os grandes proprietários de terra que faziam isso? Os fazendeiros?

Era os fazendeiros, nesse tempo era o Dr. João, ele era dono dessa daqui e o Belizário era dono da outra fazenda na Santa Cruz. Aí nós tiremos essa daqui e fiquemo lutando para ver se outros tiravam, aí foi indo, foi indo ... Aí cortou as terras, virou assentamento, aqui ao redor tudo é assentamento. Tem uma parte até boa que é pequeno proprietário. Mas nós vimos que foi luta forte para a gente ficar dentro da terra, porque se a gente ainda tiver coragem, não só a terra é o suficiente não. Para a agricultura, não só a terra é suficiente adquirir a terra, porque você precisa de muitas coisas e não é você que tem que trazer. É o poder público, e eles não botam. Então foi muito difícil para a gente estar aqui. Até hoje a gente luta por estrada, num século desse, a gente lutando por estrada, a energia que custou muito chegar.

A energia chegou quando?

Nós têm uns quatro anos que tem energia aqui. Então foi luta forte, toda vez que eu digo nas reuniões, me topava com o cara responsável pela energia, eu brigava, nós pegava uma teima danada até que um dia a energia chegou aqui. Aí assim, depois que a energia chegou e tudo chegou eu vi que renovou um bocado de coisa que a gente lutava para ... eu tô aqui!

Aí teve alguma política pública que a senhora acessou, a família acessou para propriedade?

Bom o meu marido fez aquele Pronaf, eu não sei qual é, mas ele fez. E eu fiz o Pronaf mulher, eu atentei e fiz ele porque era uma coisa que a gente tinha direito e que as mulheres lutavam e não acessavam e aqui nessa região, acho que foi só eu. Aí eu entrei e fiz. O pessoal da Ruraltins¹⁰ que fez. É um Pronaf, é um projeto que ele é bom, mas como ele é para mulher, é muito pouco, é muito pouco, e eles querem seja para galinha, para horta, porque é mulher... porque eles acham que mulher não tem capacidade de tirar um leite, de cuidar de uma vaca, eles acham isso, então ele é só para galinha, bode, horta, essas coisinhas assim...

E a senhora tirou para que na época?

Eu tirei para criar galinha. Sabia que não ia dar, mas fiz porque era uma coisa nossa. Eu fiz para poder contar para os outros como é que era, então eu terminei de pagar esse ano de 2016.

¹⁰ Instituto de Desenvolvimento Rural do Tocantins.

Mas no fim deu certo?

Não, realmente galinha não dá de tirar não, é muito difícil, porque eles tem um negócio de ração, só que eu fiz do jeito que achei da minha condição, porque nem energia aqui não tinha. Não queriam dar o crédito, botavam dificuldade. Diziam que galinha tinha que ter energia para passar a noite comendo, com a luz acesa. Aí eu digo que me criei não foi com luz acesa, por quê que os pintos não vão cria assim também?!

Porque é o modelo do agronegócio que eles querem...

Pois eu vou saber, mulher não tem essa coisa, isso é coisa da cabeça deles. Olha: eu criei minhas galinhas bem aí, pegava meu milho e dava. Soltei aqui, era galinha demais; ficaram gorda e grande. Aí eu fiquei imaginando ... mas como coloca coisa na cabeça do povo, que só cria se tiver a luz acesa a noite todinha pro bicho passar 24 hora comendo e aplicar coisa para ficar grande. Eu não botei nada de coisa para ficar grande, criei do jeito da minha tradição mesmo e ficou tudo gorda, boa. Agora a produção de ovos foi muito ruim. Quando era para levar para o Buriti, colocar numa moto, numa estrada ruim, me diga mesmo... isso aí que não deu, mas quando eu comecei a pagar tinha o quê? Três anos de carência. Eu paguei, mas foi tudinho com azeite de coco babaçu. Teve o PAA¹¹, que é o programa de compra direta local. A gente botou o azeite, e aí eu fiz lá meu projeto. Não tenho mais vontade de fazer não, porque é muito pouco pra você investir. Tem que ter investimento grande, não uma coisinha pouca. Tem que ter estrada, tem que ter estrutura para isso aí, não do jeito que eles dizem que tem energia, que tem luz acesa. Não assim, mas num jeito que a gente possa tirar as coisas da gente.

E como você leva essas críticas ao Estado? Como é sua atuação no sindicato?

Eu sou do sindicato regional, minha pasta é produção na agricultura e eu sou vice-presidente da Associação do MIQCB¹², Assimqcb¹³, e assim eu faço parte de um bocado de coisa, porque quando a gente faz parte de uma coisa, aí vai levando para outras coisas. Tem vez que tem gente que diz assim: “mas como que você participa de um tanto de coisa dessa?” Porque eu sou de uma coisa, e quando a gente é de uma coisa lá surge uma coisa e tem que ficar. Por exemplo, daqui eu sou da Coordenação do Conselho Nacional de Seringueiros – CNS. E sou da AMB¹⁴ também, fui presidente muito tempo, em várias gestões. Agora eu não sou não. Quem está na AMB é dona Antônia. Nós tínhamos um projeto da Visão Mundial¹⁵

¹¹ Programa de Aquisição de Alimentos.

¹² Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco do Babaçu.

¹³ Associação de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu.

¹⁴ Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Buriti

¹⁵ Visão Mundial é uma agência de cooperação internacional que atua no Brasil desde 1975. Seu público prioritário são crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

que trabalhamos 30 anos e era com adolescentes e crianças. O projeto encerrou tem 3 anos. E assim, a gente não tem nenhum projeto, mas toda quinzena a gente se reúne lá, pouquinho, mas a gente se reúne, ainda temos a estrutura. A sede da AMB fica no Buriti. Também faço da ASMUBIP¹⁶. A sede fica em Augustinópolis, mas tem um escritório em São Miguel do Tocantins. Então a gente entrou ... primeiro nós tinha a AMB que é AMB é local, e a ASMUBIP é regional. Nesse tempo era dona Raimunda que era presidente, eu fui a vice.

E o Matopiba?

Mas nós tamo com um senhor de Matopiba que é outra luta forte. Matopiba, diz que foi implantado no Tocantins, Maranhão, Bahia e Piauí. É um projeto que não vai acabar só a mata, vai acabar é com a vida, acabar é com o povo, e também não é só a vida das zonas rurais que vai morrer. Nós tivemos em Palmas (TO), num seminário que falava sobre o Matopiba, e também na assembleia dos indígenas que também estão sendo impactados. Os que mais tão sendo atacado é eles ... na verdade é todo mundo, é como eu falei lá, é todo mundo, ou todo mundo se junta para lutar junto ou então... vai ser implantado isso daí que acho que já está aprovado, esse projeto. Nós não vamos ter água nesses estados, nós não vamos ter pássaro, nós não vamos ter nada, vai acabar, vai morrer muita gente e o pior que não é só das pequenas cidades, vai ser das grandes também, porque na hora que acabar a água. Vocês viram que em 2015 não tinha água em São Paulo, avalia se entra essa coisa bem daí, esses projetos que acabam com tudo... não vai ter...

A gente fica pensando muitas horas como é que vai barrar isso, mas a gente pensa, a gente sabe que é lutando; que a gente nunca ganhou nada de graça até hoje. Eu ainda não conheci uma coisa assim para gente pobre que veio de graça. Não vem, tem que ter luta, tem que ter coragem pra lutar, eu já estou dessa idade daqui, mais uns anos não vou aguentar mais a luta. Mas eu espero que juventude que está aí, que ainda estão novo que continuem a luta, porque a gente vai morrer mesmo, porque a gente sabe que vai morrer, mas a gente quer uma morte digna. Ninguém quer morrer de fome e nem de sede não, que é o que vai acontecer se esse projeto bem daí ser aprovado ... porque muitos pássaros aí já estão em extinção. Nem é ser aprovado, porque aprovado diz que já tá ... É se ele continuar fazendo, e continuar fazendo e fazer mesmo, desmatar tudo... porque vocês sabe: a gente vai para Imperatriz (MA) e tem eucalipto. A gente não vê um pássaro, um canto de um passarinho, que aquele cheiro ofende. Aí se continuar, acabou a história da luta do povo, se o povo deixar isso acontecer. A gente não quer deixar. Eu acho que se eu morrer antes disso acontecer, lá onde eu estiver, eu tô metendo meu dedinho para não acontecer; porque é horrível demais, é ruim demais o que vai acontecer...

¹⁶ Associação Regional Mulheres Trabalhadoras Rurais Bico do Papagaio.

Eu acho que ... vai ter muito mendigo na rua, eu acho que vai ter mais roubo, que povo não vai ter do que viver. E o povo vai morrer, vai morrer de ruim, não tem conversa para não ser isso aí, porque não tem cuma, não tem cuma. Vai sumir a água, água vai sumir e sem água ninguém vive.

Eu acho que tem muita coisa que a gente plantava que hoje a gente não está mais plantando. Por exemplo aqui, nós planta conversando com Deus, “Senhor o que ser nosso, deixa nascer”. Quando chove aqui é muita lama, é quando seca, é seco mesmo e tá desmatado tudo ao redor. Vocês viram aquele pedacinho de mato porque é nosso, nós não vamos desmatar...Palmeira aqui nós não tira é de jeito nenhum. As palmeiras pra mim é como se fosse os dois peitos da minha mãe, quando eu nasci eu mamava na minha mãe para mim sobreviver, depois que eu larguei de mamar, então as palmeirinhas de babaçu é a minha sobrevivência. Eu criei meus filhos tudinho foi quebrando coco, então se vier o Matopiba, eles não vão deixar nenhuma palmeira... tem muita gente que sobrevive do babaçu. Aqui no município do Buriti tem lei a municipal e tem a estadual e federal. Tá lá. Mas só que é assim, eles não respeitam a lei¹⁷.

Foto 3: Sem cerrado, sem água, sem vida: para onde vão as lutas?



Fonte: Débora Assumpção e Lima, julho de 2016.

¹⁷ Esse processo conduzido pelas quebradeiras de coco babaçu em defesa do ambiente refletiu em embates políticos materializados na “Lei do babaçu livre” em vários municípios dos estados do Tocantins, Maranhão e Pará.

O que a gente mais luta aqui é sobre esses grandes projetos e a sobrevivência dentro da terra, porque aí no Marabá vão fazer uma grande barragem¹⁸. E nem todos ainda tem terra, ainda tem muito acampamento por aí.

E por que seguir lutando Dona Francisca?

Eu porque eu acredito que sem a luta não tem vitória. É uma vitória que a gente pode não usufruir toda dela como a gente quer, mas deixa um começo pra quem fica. Porque meu pai morreu e deixou um começo para nós, avançou um pouco, avançou ... mas não chegou tudo feito ... Porque Reforma Agrária é a pessoa ter a terra e ter como se manter naquela terra, como sobreviver dentro daquela terra. Até hoje eu ainda não conheci uma reforma agrária de verdade, porque eu conheço muita gente que está dentro da terra, mas falta muita coisa para ele viver. A gente vê aí os grande, eles faz projeto e com muito dinheiro; o pequeno quando faz é de pouco, é pouquinho que não tira nem para pagar. Tem vez que é preciso ir no banco para negociar e o grande não tem isso, ele vai e tira é dinheiro grande, é muito dinheiro ... então é muita luta ainda. E vai mudando as tecnologias e a gente vai avançando porque a gente tem que lutar porque vai faltando muita coisa.

Mas aqui na minha propriedade eu tenho várias coisas de vários tipos, aqui eu tenho café, eu tenho madeira de lei, eu tenho manga de várias espécies, eu tenho laranja, tenho murici, jabuticaba, é ... banana de várias espécies... aqui eu não ando comprando essas coisas, porque eu tenho. Eu tenho jardim, eu crio abelha, eu asso coco, tiro azeite...

Desde quando eu nasci, eu entendi que minha mãe, meu pai e minha mãe trabalhava de acordo com os planetas aí era assim:

Pra plantar coisa de rama, melancia, essa coisa ... quando a lua tava nova.

Pra plantar arroz, essas outras coisas era lua cheia, que saía grosso.

Para tirar o azeite, que a lua tá cheia o azeite sai muito grosso. Pra ele render tem que tirar quando a lua está fazendo quarto crescente.

Lua nova, nem carvão nem nada não dá bom. A lua nova até a palha se você tirar não serve para cobrir sua casa. Quando a lua está nova não adianta porque não dura nada. Se você for tirar madeira na lua nova, não tire na lua nova que ela broca todinha, a madeira tem que ser na lua cheia.

Minha mãe já sabia. Ela teve 12 filhos, mas se ela desse as dor quando a lua tava nova era 2,3 dias sentindo dor ...era uma tradição dela, quando eu conto essa história os mais novo...ah! Que história! Eu nasci numa tradição que era assim se nascia um menino de dia...ó como era a tradição esse daí vai ficar com a cara mais limpa do mundo, nasceu de dia!

¹⁸ Com previsão de conclusão até 2023, a Usina Hidrelétrica de Marabá afetará os municípios de Araguatins, Esperantina e Ananás (TO); Marabá, São João do Araguaia, Bom Jesus do Tocantins, Brejo Grande do Araguaia, Nova Ipixuna, Palestina do Pará (PA) e São Pedro da Água Branca e Santa Helena (MA).

Antigamente as pessoas ficavam até quase meia noite escutando os idosos escutando história de trancoso. Hoje não tem mais isso não. O pessoal saía, rezava na casa dos vizinhos, na outra noite ia rezar na casa do outro, passava o tempo todinho era de festejo nas comunidades e quando terminava uma festa já tinha outro santo, tinha mutirão para quebrar coco, mutirão para fiar. Nós botava para fiar dois corpos de redes. Passa um fio, pisa numa rede de fio, a gente fia no algodão e manda tecer, eu sei tecer, mas não tenho tear, é rede que dura 10 anos. Aqui a gente fazia mutirão passava 2 meses juntando coco ... tá sumindo, essas coisa tá sumindo.

Foto 4: Do babaçu o coco, a castanha, o óleo, a palha, a semente, a vida



Fonte: Débora Assumpção e Lima, julho de 2016.

A minha mãe pisava arroz, nós chamava pisar no pilão, lá está um pilãozinho. A minha mãe pisava arroz, buscava água distante, quase 1km na cabeça. Não tinha lata, não tinha balde, era cabaça. O agricultor que não plantava cabaça, que não tinha cabaça, não era lavrador não, porque era a vazia que eles tinham ... Coité, quem tinha um pé de coité era ouro, é outro tipo de cabaça. Todo mundo tinha cabaça. Óia, e ninguém tirava uma cabaça na lua nova, porque ela não prestava, ela quebrava, só tirava na cheia, bem madurinha ai tirava, abria a boca dela, enchia de água nos açudes, quando ela amolecia, lavava bem lavadinha, e era para gente carregar e era boa a água, água gostosa, água de cabaça. Todo lavrador tinha sua cabaça de levar água para a roça, hoje... quem é que quer? Os pote era uma cumbucona grande.

Foto 5: Dona Francisca: mulher, quebradeira de coco, camponesa, lutadora.



Fonte: Débora Assumpção e Lima, julho de 2016

Seu Expedito: Conta para ela o que tu fazia com as cabaça de ir para roça

Não, é porque minha mãe [risos] ... botava nós para ir buscar água, aí nós ia com uma preguiça danada, enchia a cabaça, botava na cabeça, e metia o pé na carreira com ela solta na cabeça, ai quebrava muita cabaça, aí a mãe dizia assim “eu vou fazer um rosário de cabaça e botar no pescoço de vocês, para vocês sair na rua e dizer porque que vocês andam com o rosário e vocês vão dizer porque é, vocês quebra as cabaça tudinho!” Óh cabaça... aí

hoje eu fico pensando naquela coisa ali, era muita cabaça, a gente buscar água na carga, a distância de 2 léguas. Quando tava seco no verão, ia buscar na carga, botava no jacá, forrava com palha de banana, palha de arroz e tocava no mundo. Eu achava bom, iiiiihhhhh, eu achava era bom porque era para andar malandrando em riba dos animal [risos]. Mas era assim, minha mãe, nós foi criada foi desse jeitinho.

Hoje ninguém vê uma cabaça nem para semente, ninguém não vê mesmo não. Aí falei “meu Deus do Céu, o que é isso? Acabou-se tudo!

Considerações finais

A entrevista com Dona Francisca permite-nos afirmar a importância da mulher no campo, do seu olhar, da sua luta e seu reconhecimento e pertencimento com a terra. Com relação à palmeira do babaçu, vista como um ente feminino da natureza, as associações entre babaçu e mulheres é bastante forte: a palmeira é uma mãe, floresta que amamenta e reproduz a vida. Utiliza-se a palha para o artesanato, para fazer um chapéu, um telhado, um abrigo. Do fruto babaçu se aproveita tudo: castanha, casca, mesocarpo; com usos vários, como a culinária e a medicina.

Assim como a palmeira de babaçu se apresenta como um símbolo de autonomia e liberdade, desempenhando um papel fundamental e diverso na natureza e na vida humana, Dona Francisca assume através de sua identidade camponesa um papel que transpõe o chão campesino. Sua luta é por terra, pelos bens naturais, por reforma agrária, mas também por condições de moradia digna, por infraestrutura, por acesso a crédito, por educação, cultura e lazer, portanto é uma luta dos povos do campo e da cidade.

Ao mesmo tempo em que os processos de cercamento das terras camponesas geram tensões e conflitos, também criam processos emancipatórios, a exemplo das mulheres do campo que cada vez mais criam espaços e reorientam seu protagonismo constante e permanentemente indicando seu reconhecimento forjado através da visibilização social e política como é o caso das quebradeiras de coco babaçu.

O babaçu vem se tornando uma matéria-prima cada vez mais cobiçada pelas grandes empresas, principalmente da cadeia de cosméticos nacional e internacional. Desta feita, os babaçuais ficam confinados entre os interesses de cadeias globais e empresas multinacionais que têm interesses na cadeia extrativista do babaçu, na qual o processo de catação e quebra do coco ainda é totalmente artesanal, já que até o momento não foram criados maquinários eficazes para a quebra e separação da castanha do coco.

Assim, a luta das quebradeiras de coco e dos camponeses da região é pela terra, pela manutenção dos babaçuais, da mata e também pelas condições de permanência e reprodução no campo: por políticas públicas, por infraestrutura. Há o entendimento de que o

Estado é uma instituição fundamental para apoiar o desenvolvimento “dos pequenos”. Claro que a ação do Estado é analisada de forma crítica por Francisca, como a divisão de gênero entre o Pronaf mulheres, que apresenta valores de linha de crédito consideravelmente menores que o Pronaf convencional. Além disso, é fundamental o processo de organização e articulação das diversas formas de resistências das quebradeiras e dos camponeses: ocupar a terra, permanecer na terra apesar das adversidades político-econômicas, lutar por seus direitos e acessos, lutar pela visibilização e reconhecimento de suas identidades, por condições de produzir na terra. Todas essas pautas podem ser reconhecidas na fala de Dona Francisca como um grito de emergência por uma reforma agrária que vá além do “corte” da terra: é necessária e urgente uma Reforma Agrária de verdade.

Bibliografia

BERNARDES, J. A. & FREIRE FILHO, O. (Orgs.) **Geografias da Soja: A Territorialidade do Capital**. Rio de Janeiro. Arquimedes Edições, 2009.

BECKER, B. **Geopolítica da Amazônia: a nova fronteira de recursos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

BRASIL. Projeto de Lei Complementar 228 de 22 de novembro de 2012. Dispõe a instituição do complexo geoeconômico e social do Corredor Centro-Norte, nos termos do art. 43 da Constituição Federal e dá outras providências.

BRASIL. Decreto n. 8.447 de 6 de maio de 2015.

VELHO, O. G. **Frentes de expansão e estrutura Agrária: o processo de Penetração numa área da Transamazônica**. Manaus. UEA Edições, 2013.

Sobre os autores

Francisca Pereira Vieira – Associação de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (Assimqcb) – Buriti do Tocantins, Tocantins, Brasil.

Mariana Conceição Leal Nóbrega – Graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Mestrado Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Débora Assumpção e Lima – Graduação em Geografia Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Mestrado Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0003-0571-1314>

Como citar este artigo

VIEIRA, Francisca Pereira; NÓBREGA, Mariana Conceição Leal; ASSUMPÇÃO E LIMA, Débora. Dona Francisca: entre cabaças, caminhos de lutas e sementes de resistência. **Revista NERA**, relatos de campo, v. 22, n. 47, p. 413-433, Dossiê MATOPIBA, 2019.

Declaração de Contribuição Individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelas autoras **Francisca Pereira Vieira, Mariana Conceição Leal Nóbrega e Débora Assumpção e Lima**. O conteúdo da entrevista tem como cerne a participação e conhecimento de **Francisca Pereira Viera**. A concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas por **Débora Assumpção e Lima** e **Mariana Conceição Nóbrega**. Os procedimentos técnicos e tradução do artigo forma feitos por **Débora Assumpção e Lima**. Todas as autoras estão cientes da versão final do trabalho

Recebido para publicação em 13 de agosto de 2018.

Devolvido para a revisão em 14 de janeiro de 2019.

Aceito para a publicação em 30 de janeiro de 2019.
